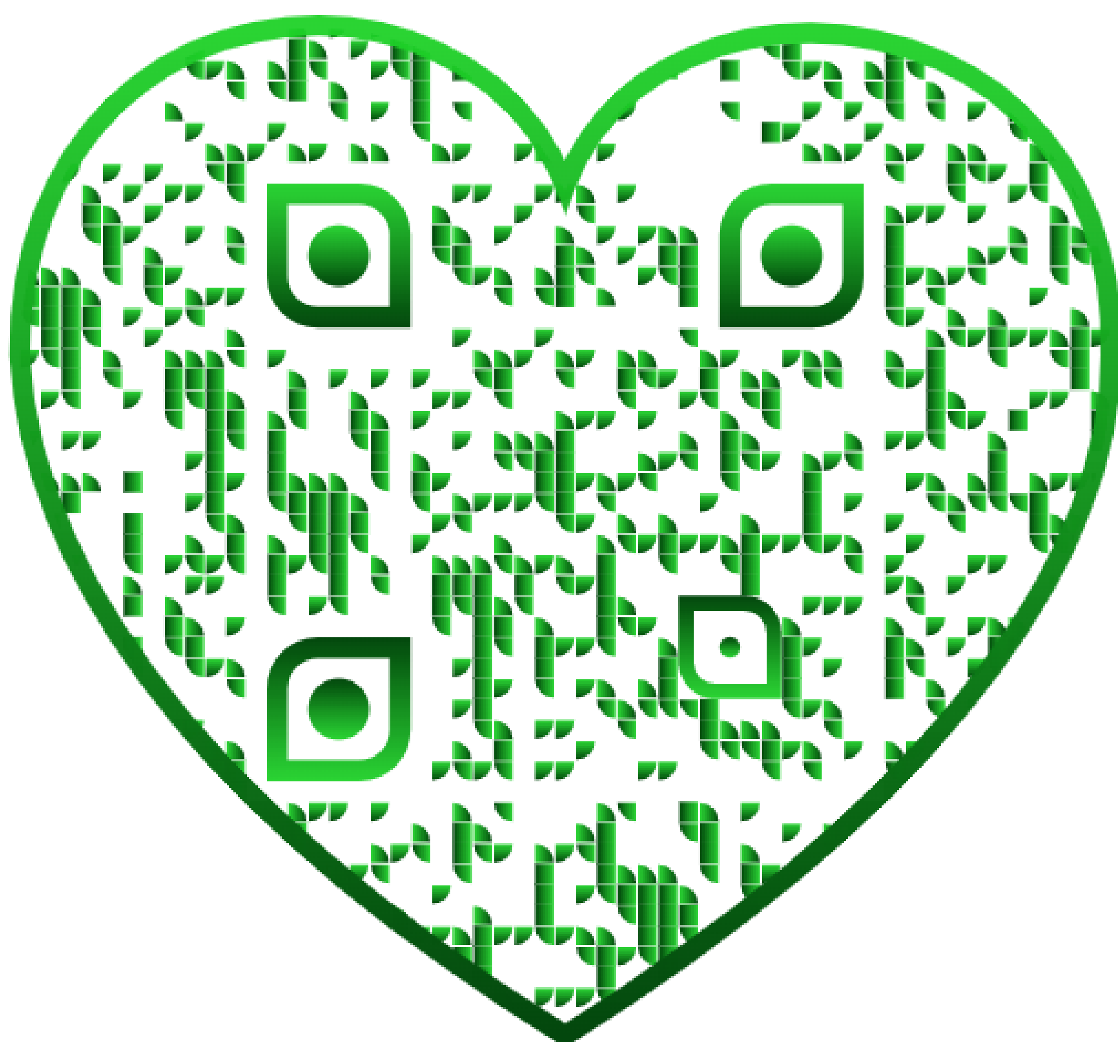
THE LIGHTNING GOD'S WIFE

a short story

GRACE DRAVEN

author of MASTER OF CROWS



The Lightning God's Wife

A ESPOSA DO DEUS RELÂMPAGO



"Uma pequena história das Terras Glimmer no mundo de Mestre dos Corvos"

Grace Draven





Essa tradução foi feita pelo grupo Shifter's Homeland, de forma a proporcionar ao leitor o acesso à obra, motivando-o a adquirir o livro físico ou no formato e-book.

O grupo tem como objetivo a tradução de livros sem previsão de lançamento no Brasil, não visando nenhuma forma de obter lucro, direto ou indireto.

Para preservar os direitos autorais e contratuais de autores e editoras, o grupo, sem aviso e se assim julgar necessário, retirará do arquivo os livros que forem publicados por editoras brasileiras.

O leitor e usuário fica ciente que o download dos livros destina-se, exclusivamente, para uso pessoal e privado, sendo proibida a postagem ou hospedagem do mesmo em qualquer rede social, assim como a divulgação do trabalho do grupo, sem prévia autorização do mesmo.

O leitor e usuário, ao acessar o livro disponibilizado, também responderá individualmente pelo uso incorreto e ilícito do mesmo, eximindo o grupo de qualquer parceria, coautoria ou coparticipação em eventual delito por aquele que, por ação ou omissão, tentar ou utilizar o presente livro para obtenção de lucro direto ou indireto, nos termos do art. 184 do Código Penal e da Lei 9.610/1988.

Shifte's Homeland

Equipe Shifter

Envio: Bec D Hunter

Tradução: Bruna G.

Revisão Inicial: Fabliane M.

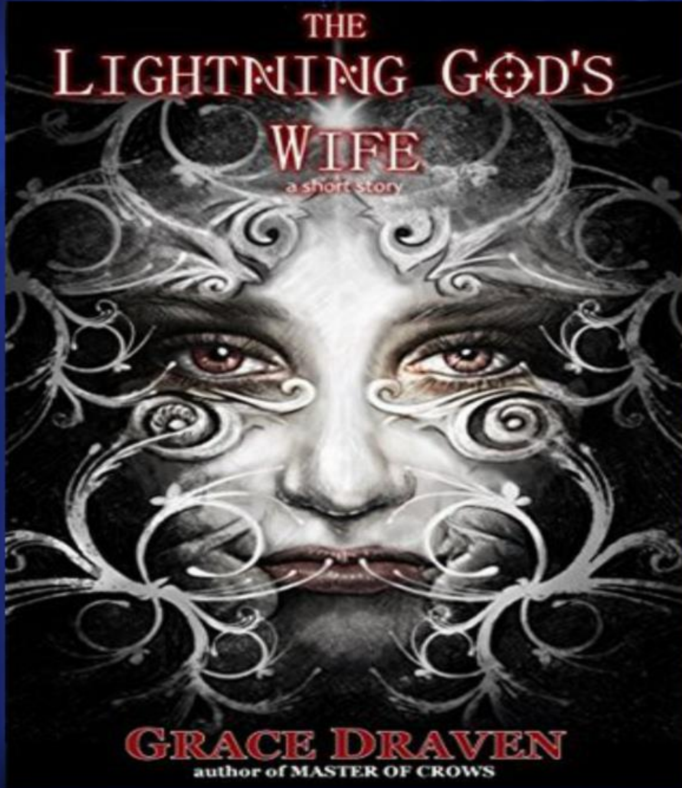
Revisão Final: Juliana B.

L.F. e Formatação: Bec D Hunter

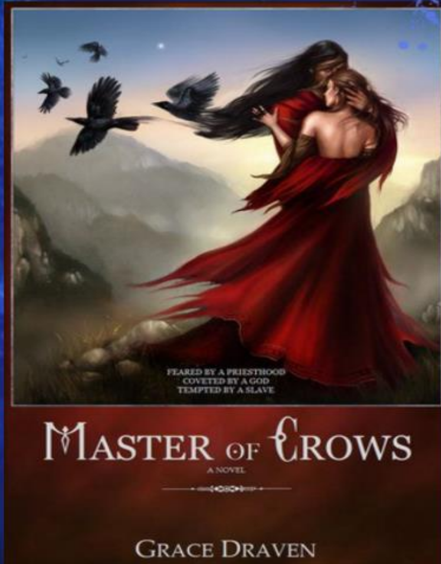
Grace Draven

Master of Crows

Lançamento



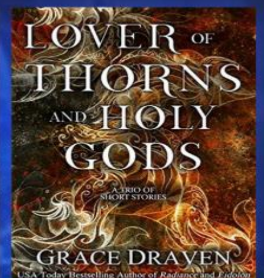




Em breve!







Distribuído

Este conto é dedicado a Lori Cecilia Snow Stevenson – minha amiga que vive com Deus. Espere por mim nos portões.

Muito obrigado a Lora Gasway, um dos meus editores de confiança, que montou e salvou o dia - como de costume.



Sinopse

Não choveu durante um quarto de século e um mundo morto anseia por água. Banida e exilada, a sacerdotisa da chuva Revida, resgata um homem e seus filhos enquanto eles fogem da ira de um deus criador conhecido como "O Amargo das Trevas". Porém Atagartis é mais que um homem e Revida logo descobre que o amante que ela conhece apenas em sonhos tem um propósito para ela e a tristeza sem lágrimas com que ela conviveu há mais de duas décadas.

Um conto das Terras Glimmer no mundo do MESTRE DOS CORVOS.

Nota do editor: Este é um trabalho de ficção. Nomes, personagens, lugares e incidentes são um produto da imaginação do autor. Locais e nomes públicos são por vezes utilizados para fins atmosféricos. Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou mortas, ou com empresas, empresas, eventos, instituições ou locais é completamente coincidência.

GENZO





A Tempestade

Martise acordou com o barulho de uma janela batendo contra a parede. Uma corrente de ar úmido, ainda pesado com o calor do dia, deslizou suavemente para o quarto. Ela deslizou para fora da cama e caminhou até a janela aberta. Sombras se reuniram a distância no chão da sacada, uma onda de nuvens negras se moveu em direção a Neith. Um relâmpago rompeu a escuridão, iluminando a trilha da chuva que caiu nas folhas das planícies empoeiradas.

Ela fechou os olhos numa oração silenciosa de agradecimento. Uma tempestade estava chegando, desta vez por vontade própria, em vez de forçada pelo mago herege que ainda dormia na cama atrás dela. E tinha certeza, ele faria de novo se necessário. O último dilúvio proporcionou a muito necessária água para as sedentas laranjeiras do amado bosque de Silhara, mas foi apenas uma porção e a seca tinha voltado com força total dentro de uma semana.



Mais relâmpagos rasgaram as tempestuosas nuvens e o trovão ressoou em resposta. O farfalhar dos lençóis alertou Martise que Silhara estava acordado. Ela não se assustou quando um par de braços deslizou em volta de sua cintura e puxou-a contra um corpo ágil e ainda quente de sono.

Eles ficaram juntos em silêncio, observando a tempestade. Outra rajada de vento entrou no quarto, desta vez úmido e frio. Ele atingiu o rosto de Martise e agitou os longos fios de cabelo de Silhara, de forma que ele açoitou seus ombros e flutuou contra seus braços.

Martise pegou uma mecha, deixando-a deslizar através de seus dedos. — Você irá tentar prender está?

Silhara se moveu atrás dela. — Não. Ela está vindo até nós mais direto que uma flecha, — sua voz rouca estava mais áspera do que o habitual com resíduos do sono. — Embora eu possa sacrificar Gurn como suborno se virar no último momento.

Martise sorriu e apertou os olhos quando o choque de um relâmpago inundou o céu noturno. – Você desistiria de seu único servo leal por um pouco de chuva? — Sua pergunta foi apenas em parte uma provocação. Seu amante era uma criatura mercurial[1] – mal-humorado também. Embora ela pensasse que ele destruiria uma aldeia sem pestanejar se isso significasse salvar Gurn de alguma ameaça, uma pequena dúvida ainda permanecia.

[1] Mercurial: Pessoa de temperamento explosivo.



Um sopro de respiração fez cócegas no topo de sua cabeça, no momento em que Silhara roçou o queixo em seu cabelo. — Um servo insubordinado. Ele me chama de bunda de um cavalo regularmente, Martise. Talvez um dia eu lhe conte a história de como ele me jogou no fundo do poço quando discutimos sobre aparar os cascos de Gnat.

Martise girou em seus braços para que ela pudesse ver o rosto de Silhara. Relâmpagos iluminaram suas características brevemente, revelando suas altas maçãs do rosto e boca fina, os olhos negros que a observava com leve diversão. — E o que você fez em retribuição?

Ele passou a mão por suas costas. — Pendurei ele fora desta sacada pelo cabelo.

A cabeça de Gurn era tão lisa e brilhante como uma bola polida. Martise franziu a testa. — Ele não tem cabelo.

Silhara levantou uma sobrancelha e seus lábios se curvaram um pouco nos cantos. — Não em sua cabeça.

Ela suspirou e se encolheu com a imagem que suas palavras evocaram. Pobre Gurn. É claro que jogar seu mestre em um poço provavelmente não o elevou nas afeições de Silhara.

Ela nunca entenderia a relação entre os dois. Eles eram senhor e servo, mas agiam como irmãos – discutindo, disputando e às vezes brigando fisicamente um com o outro. O respeito de Gurn por Silhara era óbvio, mas



ele não é intimidado por ele nem obsequioso[2] em relação ao poderoso mago. Por sua vez, Silhara trata Gurn como seu igual. Não era que um trabalhava para o outro, mas que eles trabalham, vivem e lutam um com o outro como iguais.

Ela virou-se nos braços de Silhara para enfrentar a janela mais uma vez. O céu noturno era uma massa espumante de escuridão, ocasionalmente quebrada por fios irregulares de prata brilhante. A tempestade escondeu as estrelas, exceto pelo perolado que sempre pairou sobre Neith de dia e de noite. Sua luz maçante pulsava de forma constante, como a batida de um coração.

Martise desviou o olhar da estrela – a marca de Corruption no céu. Muito melhor ela admirar algo mais natural, mesmo que mais violento, como a tempestade. — Eu sempre gostei do momento logo antes da tempestade atingir, quando o ar está fresco e cheira a vinda da chuva.

— Contanto que chova no bosque, eu ficarei satisfeito, – os dedos delgados de Silhara brincavam com as dobras de sua bata.

Ela esperava que ele estivesse satisfeito. A última vez que uma tempestade se afastou de Neith, Silhara tinha explodido para fora da fortaleza enraivecido e então assustou Gurn e ela até a morte, ao forçar a fúria da natureza em direção a Neith com um feitiço. Controlar o tempo era

[2] Que obsequia - que leva ao excesso as atenções, o respeito.



feitiçaria letal. Ele tinha tido a sorte de sair daquele empreendimento vivo em vez de ser reduzido a uma pele fumegante.

Martise apertou seus braços mais forte em sua cintura e foi recompensada com um abraço ainda mais envolvente. Ela inclinou a cabeça para trás contra o peito de Silhara. — A bênção de Revida. Ela o conteve o suficiente.

— Quem é Revida?

Martise sorriu. Silhara era um mestre feiticeiro; ela era mais aberta à leitura. — A deusa do Glimmer South. Outrora uma humana que se tornou a esposa do deus relâmpago, Atagartis.

Um bufo desdenhoso soou atrás dela. — Que mau gosto. Teria sido melhor ela se casar com um fazendeiro ou mesmo um rei com o sangue correndo muito espesso através de seu corpo real.

Seu sarcasmo a fez rir. — Você não se casaria com uma deusa se ela quisesse você?

Outro bufo. — Eu não tenho nenhum interesse em qualquer divindade – adorar, copular ou me casar com eles. São inúteis que não reconhecem uma oração sincera nem se elas o atropelassem com um carrinho de esterco.

Desta vez Martise riu abertamente e girou para encará-lo. Ela enrolou os braços em volta de seu pescoço. Sua face era agradável, dura e implacável, mas ele suavizou um pouco quando ele olhou para ela, com um brilho de diversão passando através de seu olhar.

— Conte-me sobre esta tola – Revida, — disse ele.



— Você não quer voltar para a cama?

Suas mãos traçaram as curvas de sua cintura e quadris, antes de deslizar pela extensão de suas costas. Ao contrário dela, ele estava nu e sua excitação era óbvia enquanto a segurava perto dele. — Ainda não, — disse ele. — Eu quero ver o que a tempestade irá fazer. Nesse meio tempo, me conte seu conto sobre Glimming.



A visão de Revida não era o que uma vez foi pois, a velhice subitamente escolheu causar estragos em sua visão, fazendo-a alucinar. Isso ou o que ela encarou agora era real.

Duas crianças pequenas correram em sua direção através da paisagem árida, um jovem rapaz puxando freneticamente uma menina enquanto lutavam para superar a parede nebulosa de escuridão caindo sobre eles. Alargou-se sobre as planícies, agitando a poeira e os detritos até que a parede preta ficou marrom. Se ela não tivesse visto a sua transformação, Revida poderia ter confundido com uma tempestade de areia.

Mas isso não era uma tempestade. O que quer que fervia e agitava atrás das crianças em fuga era construído de sombra e cheirava a poder. Apesar do calor do sol castigando, calafrios desceram pela pele no braço de Revida



e ela ofegou quando um rosto colossal, torcido com ódio, veio de dentro da parede escura.

As crianças olharam para trás e gritaram em uníssono. A menina tropeçou e caiu, quase arrancando o garoto para fora de seus pés.

Revida abandonou a caverna em que se abrigava e correu até as crianças. Ela pegou a menina em seus braços e agarrou a mão do menino.

— Corra! — Ela gritou sobre o leviatã que os perseguia. A idade a tinha feito mais lenta, mas o terror a tornou veloz. Eles caíram na fria escuridão da caverna. Revida colocou a menina chorando para baixo e preparou os restos da fogueira da noite anterior. Ela mergulhou as mãos na fria pilha de cinzas e fuligem, saindo com as mãos negras. O menino a olhou por um momento, depois imitou suas ações.

Ela voltou para a entrada da caverna. A gritante escuridão estava quase em cima deles. O rosto tinha desaparecido, substituído por um par de silhuetas sinuosas que lutavam entre si pelo domínio. Revida esboçou um símbolo na entrada com os dedos enegrecidos de fuligem. O rapaz fez o mesmo, desenhando os símbolos de proteção complicados com a facilidade e pratica de um feiticeiro hábil.

Revida esboçou a última linha de seu símbolo, assim que a parede de sombra os atingiu. O impacto jogou ela e o menino de volta para o interior da caverna e inundou tudo com pequenos pedaços de estilhaços de pedra e poeira. Estendida de costas, Revida protegeu sua cabeça com os braços, enquanto o chão debaixo dela tremia.



Seus ouvidos zumbiam dos uivos enfurecidos de fora da caverna. Tudo o que se jogou contra seu santuário não podia atravessar a barreira de proteção. Ele bateu contra os símbolos baluarte invisível, desumanos gritos e rosnados pontuando cada grave.

Dolorida e atordoada Revida ficou de pé. As sombras ferventes que bloqueavam a entrada também apagavam a luz, transformando a caverna em uma cripta. Revida penetrou cegamente na escuridão.

— Rapaz, você está aí?

— Sim, eu estou aqui, — uma voz fina respondeu de volta.

— E a menina?

— Ela está comigo.

Revida sentou-se. Ela não podia ver quase nada na frente dela e até que toda aquela coisa abominável espreitando fora da caverna decidisse sair, ela não podia fazer nada mais do que esperar. As crianças abrigadas com ela estavam nas proximidades, seguros – pelo menos tão seguros quanto qualquer um poderia estar com um demônio enfurecido batendo em sua porta de proteção.

Tão rapidamente quanto o ataque começou, ele parou. O uivo cessou e as sombras dissiparam. A luz solar inundou a abertura, iluminando o espaço interior com luz fraca. Revida encontrou o menino e menina abraçados. Assustados e esfarrapados ambos olharam para a luz do sol lá fora e depois para Revida.

— Eu acho que acabou, — disse ela.



Com essas palavras, o menino saltou de pé e correu para fora, a menina em seu encalço.

— Espere! — Revida tentou segurar a menininha, mas falhou. Amaldiçoando as travessuras das crianças e seus próprios ossos rangentes, ela os seguiu para fora do santuário da caverna.

A nuvem de sombra tinha desaparecido, deixando para trás apenas um impiedoso céu azul, terra trançada e uma figura inclinada não muito longe da caverna. As crianças pairavam sobre ele, ambos suplicando em vozes trêmulas para ele acordar.

Revida se aproximou e ouviu o comando do menino em uma voz surpreendentemente poderosa — Pai, abra os olhos.

Ela se agachou ao lado dele. O homem estendido no chão, tão coberto de terra e areia, parecia mais golem[3] do que humano. Revida não conseguia distinguir muito de suas feições e nada de sua cor de cabelo. Semelhante as crianças que o reivindicaram como seu pai, ele era magro e vestido com trapos mantidos juntos pela oração e teimosa costura. A menina apertou a mão dele entre as suas e o rapaz agarrou seu ombro com uma mão, os nós dos dedos brancos.

— Este é o seu pai? — Revida apertou a palma da mão contra o peito do homem.

O menino assentiu. — Ele estava tentando nos salvar de Sumarimis.

---

[3] O Golem é um mito judeu. É um ser animado feito de barro à imagem do homem, tendo como propósito a proteção da comunidade judaica e a realização de trabalhos braçais.



Um arrepio estalou pela espinha de Revida. Sumarimis. O amargo das trevas. Ela admoestaria o menino por espalhar histórias fantasiosas, exceto que ela mesma tinha visto a escuridão atravessando pelas planícies. Por que um Deus criador iria perseguir duas crianças pequenas em uma caverna estava além dela. Igualmente surpreendente foi que sua proteção tinha mantido o Deus fora da caverna.

Revida olhou de relance para o menino, os olhos estreitados. Ela não tinha sido a única que tinha desenhado os símbolos.

Ela voltou sua atenção para o homem inconsciente cujo coração batia forte e confiante sob sua mão. — Ele está vivo. — As crianças sorriram uma para a outra. Revida dirigiu-se ao rapaz. — Ela é sua irmã? — Quando ele assentiu com a cabeça novamente, ela disse. — Fique de olho nela, vou cuidar de seu pai.

O homem gemeu um pouco enquanto Revida passava as mãos sobre ele procurando por lesões. Ela não encontrou nenhum osso quebrado ou feridas abertas, mas a pele que cintilava através de sua roupa rasgada estava coberta com lívidas marcas vermelhas, como se tivesse sido marcado por um chicote de fogo.

Ela acariciou seu rosto sujo, deixando uma marca de mão suja de fuligem. — Acorde. Você vai ter que levantar e andar. — Ele sofreria ao fazê-lo, mas ele não poderia ficar aqui fora no sol escaldante e ela não era forte o suficiente para o carregar ou arrastar.



Ele abriu os olhos e Revida se assustou. Eram olhos estranhos, as íris de um muito pálido azul, que eram quase transparentes contra o branco. Suas pupilas eram pontinhos escuros que encolheram ainda mais sob a luz do sol. Ele piscou duas vezes, focalizando seu olhar sobre ela e sorriu.

— Sacerdotisa, eu finalmente encontrei você.



Ela o persuadiu a ficar de pé e cambalear para a caverna, o braço pesado em seus ombros curvados. Ele caiu inconsciente logo que desabou no chão, sem se importar que apenas pedra dura e areia almofadassem sua cabeça e amortecesse seu corpo. Revida jogou um de seus dois cobertores sobre ele e o deixou dormir.

O menino tinha construído uma pequena fogueira de galhos secos e arbustos pelo tempo em que ela tinha cuidado de seu pai. Sua irmã ficou perto dele, seus braços finos envoltos em torno de si mesma enquanto olhava sem piscar a figura dormindo meio escondida pelo cobertor.

Revida recuperou sua mochila e tirou sua diminuta provisão de comida e bebida – dois odres de água morna, uma tabua seca e retorcida e carne de



lagarto curado. Ela trouxe eles para o fogo e sentou-se em frente às crianças. — Quais são os seus nomes?

O rapaz apontou para si mesmo. — Eu sou Ninun. — Ele bateu levemente no joelho de sua irmã. — Esta é Derketo.

As sobrancelhas de Revida levantaram. — É mesmo? — Quaisquer que fossem suas circunstâncias, ninguém poderia acusar os pais dessas crianças de religiosidade. Para nomear um filho seguidamente de o deus dos ventos e a deusa dos peixes beirava a blasfêmia.

Como se ouvisse sua diversão, os olhos de Ninun estreitaram e seu queixo se levantou. Nós somos os filhos de Atagartis.

Revida partiu um pedaço do lagarto seco. — Assim somos todos nós. — Ela passou a carne e um dos odres de água para ele. — Aqui. Não é muito. O lagarto pode ser amargo e a água está quente, mas vai aliviar o roer em sua barriga e molhar sua língua. Beba com moderação.

Eles comeram em silêncio, fazendo uma careta tão intensa ao sentir o gosto do lagarto que Revida teve que esconder seu sorriso atrás da mão. A menina Derketo bateu seus dedos no chão de pedra da caverna. — Há água aqui, — disse ela. — Debaixo dos nossos pés.

Revida parou com seu odre de água inclinado em direção a sua boca. — Como você sabe? — Os deuses eram muito miseráveis, supondo que eles colocaram um adivinho de água nesta casca seca de mundo.

Derketo achatou sua mão com mais força no chão e fechou os olhos. — Ela me chama.



Revida suspirou. Esta foi a punição pelos nomes blasfemos. Vinte e cinco anos atrás, Derketo teria mantido um elevado lugar na sociedade, uma cidadã de valor – útil e valorizada. Agora, não importava se seus sentidos eram precisos e eles eram. Ninguém iria acreditar nela. Na melhor das hipóteses ela seria evitada, na pior das hipóteses, caçada e executada.

— Você está certa, — ela disse a menininha. — Eu senti isso também, embora eu não possa dizer quão profundo ou o quanto tem. Você tem as aptidões de um adivinho da água.

Derketo deu a ela um estranho sorriso conhecedor.

Com mais água por perto, Revida sacrificou um pequeno respingo de seus estoques de bebida para limpar a fuligem de suas mãos e instruiu Ninun a fazer o mesmo. Quando seu pai despertou, ela limpou a sujeira de seu rosto. Seus olhos estranhos a fascinavam e ela estava curiosa para saber como ele parecia sob as camadas de sujeira.

Ela colocou os odres de água de lado para reabastecer mais tarde e embalou o que restava do lagarto curado. — O que você e seu pai estavam fazendo vagando nessas ruínas áridas?

Não havia lugares verdejantes mais, nem mesmo os poços de água. As margens desses oásis encolhidos haviam sido pisoteados até a lama e as árvores murchas e devoradas até as suas raízes por animais famintos. As aldeias atingidas empoleiradas nas proximidades lutando entre si pelo acesso às águas lamacentas. Era uma vida dura, mas ainda assim melhor do que aqui, onde a terra não era mais do que terra endurecida, rachada e estéril. Nômades



e exilados como Revida vagavam pelo terreno impiedoso, mas não era lugar para as crianças.

O sol se pôs lentamente no oeste, esvaindo calor e deixando para trás um frio crescente que poderia congelar uma pessoa sem abrigo ou calor. Ninun estendeu as mãos sobre o fogo animado que foi ele quem construiu. — Estamos conectados a terra, — ele disse e Revida foi surpreendida pela maturidade repentina em sua voz. — Abatidos e caçados pelo Amargo das Trevas que almeja nos destruir. Nós temos fugido dele por muitos anos.

— E se encontram a um longo caminho de lugar nenhum. — Revida se levantou e tirou o pó de suas mãos. — Encontre um lugar confortável para dormir e enrolem-se juntos. Vou dar-lhes um cobertor para dividir. — Ela recuperou um dos odres de água e caminhou para onde o pai das crianças dormia.

Os irritados vergões que chicoteavam sua pele infiltravam manchas escuras através de sua camisa esfarrapada. Revida desamarrou cuidadosamente os cordões, expondo seu torso. Eles pareciam ainda piores totalmente expostos. Suas abilidades não residiam nas artes de cura, mas ela podia limpar a sujeira dos açoites e rezar para que eles não fossem suficientemente profundos para envenenar.

Ela trabalhou rapidamente, mas com cuidado, pausando uma vez ou outra enquanto ele se movia inquieto e murmurava palavras incoerentes. Revida rasgou uma tira da saia já surrada, molhou e limpou seu rosto. Ela ofegou e quase deixou cair o pano ao ver seus traços lavados.



Ela conhecia esse rosto, tinha o visto em seus sonhos todas as noites durante um quarto de século; havia traçado seus contornos da sobrancelha a mandíbula. Seus olhos eram diferentes – castanho escuro em seus sonhos em vez da prata líquida que a tinha encarado mais cedo.

Quando ele tinha despertado ao seu comando, sua voz estava rouca – tão arenoso quanto o pó encobrindo-o da cabeça aos pés – ao contrário dos tons profundos e suaves que a seduziram em seu sono e segurou suas lágrimas há tanto tempo.

"Sacerdotisa, por que choras?"

Revida encarou a imagem cintilante na aureolar luz azul celeste. "Nirari não fala mais a esta serva."

Ela sentiu sua angústia, muito maior do que a sua própria, embora suas palavras diminuíssem sua dor. "Guarde suas lágrimas. Elas são tudo o que resta de Nirari."



Ela conseguiu dormir naquela noite apesar do frio e do excesso repentino de companhia. Ela sonhou também. O amante nesses sonhos parecia muito com o homem que ela tinha levado para dentro da caverna – cabelo escuro, rosto bonito. E algo mais que seus olhos não podiam ver, mas



sua alma sentiu – um grandioso poder além da compreensão humana, uma atemporalidade que viu o futuro, passado e presente.

Ele tinha aparecido pela primeira vez quando ela era uma jovem mulher sofrendo com o silêncio da deusa que ela serviu. Revida tinha sido uma adivinha da água desde que ela era mais jovem do que Derketo e uma sacerdotisa da chuva após sangrar pela primeira vez. Toda sua vida ela sentiu a presença de Nirari, a deusa da chuva. Seus sussurros preencheram o espírito de Revida; Sua bênção da chuva vivificante regou as colheitas e cobriu os poços.

Então um dia uma tempestade, ao contrário do que qualquer outro já tinha testemunhado, surgiu do sul. As nuvens eram mais negras do que a seiva que os homens da aldeia coziam para afastar as moscas. As nuvens teriam transformado o dia em noite, exceto pelo raio que atingiu a terra. Os ventos arrancaram os telhados das casas e os galhos das árvores se partiram como gravetos. A chuva caiu torrencialmente durante onze dias, rompendo as margens dos rios, arrastando algumas aldeias distantes e enterrando outras sob corredeiras de lama.

Onde Revida certa vez orou a Nirari pela chuva, ela rezou para ela parar. Ela parou. Tudo parou, exceto o relâmpago. As nuvens desapareceram, os ventos morreram e a chuva não caiu. A princípio grata pelo cessar da chuva, a vila de Revida traumatizada elogiou seus esforços. Dois anos depois, eles a perseguiram pelo deserto, lançando lhe pedras enquanto corria. Ela havia orado muito forte, bem demais. A chuva tinha parado e nunca mais retornou.



Seu amante dos sonhos tinha aparecido naquela primeira noite que ela passou na floresta, encolhida sob um monte de folhas para aquecer. Revida tinha chorado até dormir. Foi a última vez que ela chorou.

Ele vinha para ela quase todas as noites desde então, muitas vezes, seu único companheiro com os anos, com as suas muitas dificuldades e poucas alegrias, passou. Casou-se com um homem de uma aldeia que não sabia nada de sua vida como uma sacerdotisa da chuva e lhe deu um filho. Ela perdeu os dois – um para a guerra, o outro para a doença. Ela tinha lamentado por eles – ainda lamentava – mas ela não tinha chorado, nem mesmo em seus sonhos quando seu amante a abraçava e a consolava.

Nesse sonho ele acariciou seus cabelos, ainda escuro e exuberante – ao contrário do árido, ferro-cinzento que estava no mundo desperto.

"Mulher corajosa", disse ele. "Você salvou os meus filhos."

Às vezes era difícil de engolir o ressentimento. "Então você está em dívida comigo", disse ela. "Você não salvou o meu."

Seus olhos escureceram ainda mais e as mãos varreram suas costas. "Eu posso gerar vida, Revida, mas está além do meu poder pega-la de volta uma vez que é levada. Há outro muito maior que eu que pode fazê-lo e sua vontade é desconhecida até mesmo para nós."

"Estou com medo", disse ela e apoiando a testa contra o peito dele.

Ele enterrou suas mãos em seu cabelo e beijou o topo da cabeça dela. "Não fique. Eu estou com você, como eu sempre estive".



O sonho desvaneceu e Revida despertou para o murmúrio de vozes. Ela se virou, ignorando a dor em seus ossos. Ninun e Derketo sentaram-se um em cada lado de seu pai. Ele estava sentado, o cobertor reunido em seu colo. Com exceção dos olhos, ele era a imagem em seu sonho. Revida pensou se velha demais para corar, mas o calor se arrastou para suas bochechas. Ela já não era a mulher jovem em seus sonhos, mas uma ovelha envelhecida, desabrigada e nômade.

Um tiro de raiva queimou o último pedaço de sonolência que pesava suas pálpebras. Seu socorro através de longos anos de exílio tinha sido os sonhos do Deus relâmpago Atagartis. Ele tinha vindo a ela em seus sonhos, a dor em comum devido a destruição da Deusa que ela serviu e a esposa que ele amava, os uniu. A tristeza tornou-se algo mais naqueles sonhos e Revida agarrou-se a eles enquanto ela envelhecia e o mundo ofegava por água. Que demônio enganador entrou em seus pensamentos e os contaminou colocando o rosto do Deus que ela amava em um estranho?

Ninun estava falando com seu pai. — Derketo diz que há água debaixo da caverna. A sacerdotisa sentiu isso também.

O homem assentiu, seus traços sombrios. — Mande sua irmã levá-lo a ela e se apresse. Nós não temos muito tempo.

Consternada, Revida sentou-se abruptamente. — Você não pode enviá-los sozinhos!

Ele olhou para ela, nenhuma surpresa em sua vigilante expressão. — Por que não?



Ela fez uma careta. Homens. — Porque eles são crianças. Nós não sabemos qual perigo pode estar lá em baixo. — Ela se ergueu fria, suja e infeliz para começar a sua manhã assim. — Eu vou com eles. — Os odres de água precisavam ser abastecidos de qualquer maneira e ela esperava se limpar se houvesse água suficiente para poupar.

Sua boca se curvou para cima, um reflexo do sorriso que ela se lembrava de seus sonhos. Ela se eriçou, indignada. — Eles vão ficar bem. Confie em mim.

Ela bufou. — Confiar em você? Eu nem sequer sei o seu nome.

O sorriso desapareceu e seu olhar se intensificou, fazendo-a olhar para longe dele. — Você me conhece, Revida.

Revida se afastou dele, não querendo aceitar o que seu espírito sussurrava em seu interior. Ela perguntou às crianças os seus nomes, mas reteve o dela. Eles não poderiam ter-lhe dito o nome dela. Um arrepio serpenteou pela sua espinha. — Eu vou com seus filhos. Você vai ficar bem. Nós não vamos demorar muito.

Ele permaneceu em silêncio, mas ela sentiu seu pesado olhar sobre suas costas enquanto ela moldou uma tocha improvisada e levou Ninun e Derketo ainda mais nas profundezas da caverna. Eles correram à frente, desaparecendo na escuridão. — Devagar, — ela os chamou. — Vocês vão se perder, e eu nunca vou encontrá-los.

Sua tocha não iria durar muito tempo, mas o cheiro de água era pesado em suas narinas, a sua presença um zumbido alto em seus ouvidos. Estava



perto e ela tinha notado as poucas voltas que eles tinham tomado até agora para que eles pudessem voltar no escuro. Ela pegou um vislumbre do rosto de Ninun, pálido à luz vacilante das tochas, antes que ele virou em uma esquina e desapareceu.

Revida amaldiçoou em voz baixa e acelerou para pegá-lo. Ela entrou em uma ampla caverna com um teto alto do qual pendiam pedras em forma de presas e água gotejada. Mais das pedras brotaram do chão, e ela teve uma sensação irritante de estar na boca de um gigante, esperando que suas mandíbulas se fechassem.

Movimento esvoaçou no canto de seu olho, e ela pegou Derketo pulando entre os dentes de pedra em direção a uma piscina de água preciosa. Ela não parou em suas margens e Revida gritou tarde demais para Ninun. — Pare ela!

A menina mergulhou na água e afundou. Revida amaldiçoou e correu para o lago. O forte aperto de Ninun em seu braço a levantou e puxou de volta.

— Espere, — ele disse, e Revida olhou para ele, o ar sibilando em seu nariz enquanto ela ofegava em estado de choque.

O menino olhou para ela com os olhos diferentes. Eles se transformaram no mesmo azul translúcido de seu pai e seu aperto sobre ela era muito mais forte do que qualquer criança. Ele indicou o lago com um movimento de seu queixo. — Observe, — ele instruiu.



O lago borbulhou, enviando ondas em direção a sua costa. Um peixe escamado em tons de azul, índigo e escarlate, pulou para fora da água, se arqueou e mergulhou novamente. O riso de uma menina ecoou na câmara subterrânea seguido por uma voz envolta em risos. — Vê sacerdotisa? Eu posso nadar!

Revida exalou, atordoada. — Abençoada mãe das tempestades. — Ela voltou seu olhar para Ninun que a soltou. — Vocês não são crianças humanas, não é?

Ele olhou para ela com uma expressão tão antiga quanto o seu rosto era jovem. — Não. Somos mais velhos do que todas as gerações que nos adoraram. Mas somos crianças, filhos de Nirari. E de Atagartis.

Os joelhos de Revida se dobraram. Ela teria caído se Ninun não a tivesse apanhado. A tocha escorregou de sua mão e caiu a seus pés. A câmara permaneceu iluminada pelo brilho que emanava do lago e os peixes de cores vivas que ainda cabriolavam em suas profundezas.

— Você é o guardião dos tornados e ventos, — disse ela.

Ninun pressionou um dedo em seus lábios. — Shhh, sacerdotisa. — Ele piscou. — Eu me lembro muito bem de você. Você cantava quando orava a minha mãe.

Revida se perguntou se alguma vez ela recuperaria fôlego suficiente em seus pulmões ou se seu coração reduziria seu ritmo louco. — Os nomes não são blasfemas então. Sua irmã é a deusa dos peixes. E o homem – o seu pai:



sinceramente não pode ser o deus relâmpago que eu arrastei para uma caverna?

Ninun encolheu os ombros. — Ele é.

Seus pensamentos titubearam. — Eu não entendo...

A voz de seu amante dos sonhos falou vindo da floresta com dentes de pedra detrás dela. Ele inclinou-se contra uma das colunas pontudas, tão esfarrapado e despenteado como quando ela o deixou, mas com uma aura cerúlea dançando ao redor de seu corpo. — Meu irmão Sumarimis destruiu o mundo com o seu ciúme. Eu e os meus precisamos de você, Revida. Você irá nos ajudar?



Ela ficou imersa na piscina com o deus do relâmpago. Ninun saiu e levou Derketo – retornando a forma humana – com ele. Eles esperavam acima, esperavam serem libertados pelo poder debilitado de seu pai e pela ajuda incerta de uma mulher humana.

Em qualquer outro cenário, ela não seria nada mais do que um corpo queimado, assada pelo casamento letal de água e luz. Mas ela viveu, respirou e enfrentou o deus criador a quem ela tinha consolado e depois amado em seus sonhos.



Atagartis traçou a extensão de seu braço com um dedo. — Você é linda, Revida.

Ela virou o rosto, mortificada, e olhou para as sombras projetadas pelo brilho do lago. — Por favor, não, — disse ela. — Eu estou velha – desgastada tão duramente quanto uma pele curada ao sol. — Ela conseguiu um pequeno sorriso e um rápido olhar para ele. — Se você fosse verdadeiramente humano, você seria jovem o suficiente para ser meu filho, talvez até meu neto.

Ela ficou imóvel enquanto ele acariciava seu cabelo grosso. — Eu revirei o mundo por você, Revida. A mulher que eu vejo diante de mim é a mesma que eu vejo em meus sonhos.

Revida estremeceu, apavorada e confusa com seu carinho – e suas palavras. — Por que você estava procurando por mim?

O medo fechou sua garganta enquanto os traços de Atagartis se escureciam e as faíscas azuis dançavam em seus olhos. Seu toque permaneceu suave em seu corpo. — Em seu ciúme, Sumarimis destruiu nossa esposa. Nirari o amava tanto quanto ela me amava, mas não foi o suficiente para ele. Quando ela se recusou a me abandonar e se unir apenas a ele, ele ficou furioso. Se Sumarimis não a tivesse exclusivamente, ninguém teria.

A grande tempestade com seus ventos punitivos, raios ferozes e chuva inundante – uma batalha entre deuses e tudo pelo afeto de uma deusa. Ela tinha sentido a morte de Nirari até a alma. Revida não soube o que tinha



provocado o vazio repentino que a encheu, apenas que ela queria gritar sua agonia para as estrelas. Ela chorou até que ficou doente e em seguida, chorou em seus sonhos até Atagartis a procurou ali e pediu-lhe que não chorasse mais.

— Faz mais de vinte anos que a chuva caiu, — disse ela. — As colheitas murcharam e o gado morreu. Homens derramaram sangue pelo controle dos córregos, mais lama do que água. O mundo morre por causa de uma briga de amantes.

Ela não se preocupou em esconder seu ressentimento, sua amargura. Atagartis poderia derrubá-la por sua impertinência, mas ele sabia do caos que ele e seu irmão haviam causado a todos os que habitavam nesta terra seca.

Atagartis não a feriu; ele a abraçou, suas mãos molhadas acariciando suas costas. — Nós estamos tentando salvar o mundo, Revida, — ele sussurrou em seu ouvido.

— Como um homem ferido com duas crianças pequenas?

Sua risadinha baixa fez cócegas em seu pescoço. — Não inteiramente. — Ele afastou-se dela, mas manteve suas mãos nas dele. — Sumarimis encontrou uma maneira de nos aprisionar como seres humanos. Nós não envelhecemos e nós não ficamos doentes, mas nós temos muitas de suas fraquezas e quase nenhum de nosso poder.



— Temos sido capazes de nos esconder de meu irmão por muitos anos. Cobertos de feitiços, escondidos pela magia, sempre procurando por você. Nós encontramos você, então não precisamos mais nos esconder.

Revida franziu o cenho. — Eu estou disposta a oferecer qualquer ajuda, mas eu sou uma mulher velha. O que eu poderia fazer para ajudar deuses, limitados a um corpo, a escapar de um dos próprios criadores do homem?

Pesar rodou em nuvens negras nos olhos de Atagartis. — Lembra quando eu lhe disse para salvar suas lágrimas? Elas são tudo o que resta de Nirari – um fio de essência que ela concedeu à sua mais poderosa sacerdotisa antes que Sumarimis a destruísse. Você choraria por mim, Revida? Entregaria as lágrimas que guardou dentro de si por tanto tempo?

Ela balançou a cabeça, confusa com o que ele pediu a ela. — Claro, mas eu ainda não entendo.

Atagartis fechou os olhos por um momento. — Você verá. Confie em mim.

Ele tocou sua testa suavemente. — Chore sacerdotisa. Você carregou esse fardo por tempo suficiente.



Sua dor a rasgou, a virando de dentro para fora. Imagens passavam por trás de seus olhos. Revida se viu fugir da aldeia em que ela nasceu uma pária



para aqueles que uma vez valorizaram sua conexão com a deusa, em seguida, ameaçaram matá-la quando esta conexão foi cortada. Ela observou-se enterrar o corpo destruído de seu marido, seu filho pequeno – devastado pela febre. Ela tinha feito essas coisas com os olhos secos e sombrios e tornou-se uma nômade solitária, envelhecendo no exílio. Ela tinha se entregue a um destino no qual ela morreria sozinha, dessecada ao pó ou com seus ossos limpos por catadores esfomeados. E ela não tinha chorado.

Até agora.

Atagartis a segurou enquanto ela soluçava, as lágrimas inundavam seus olhos e deslizavam por suas bochechas para pingar no ombro do deus e entrar no lago. Revida chorou até que sua cabeça martelava e seus olhos incharam quase fechados. Ela se pendurou molemente nos braços de Atagartis, esvaziada da tristeza que havia pendurado tanto tempo sobre seu espírito como um corvo sobre um cadáver. Um entorpecimento maçante substituiu a angústia e ela poderia ter permanecido no abraço de Atagartis para sempre.

Ele segurou seu rosto em suas mãos e pressionou um beijo suave em seus lábios. — Você nos salvou, Revida.

Ela abriu os olhos inchados e engasgou. A câmara inteira estava iluminada mais brilhante do que um pátio sob o sol do meio-dia. O deus que ela conhecia de seus sonhos, aprisionado em um corpo humano, havia se transformado. Ele ainda mostrava traços de humanidade – um revestimento fino através do qual um esplendor celestial brilhava e crepitava.



Embora ela não sentisse choques dolorosos, a superfície do lago acendia enquanto pequenos raios de luz dançavam por toda a superfície. Ela olhou para Atagartis pulsando com a luz. — O que está acontecendo?

Sua voz era diferente, como se ele falasse com muitas vozes, nenhuma dele. Todas dele. — Nirari vinculou o que restava de si mesma em suas lágrimas, Revida. Você era sua sacerdotisa favorita. Eu não podia permitir-lhe chorar, ainda não. Eu tranquei as lágrimas dentro de você antes de Sumarimis me aprisionar.

— Você procurou por mim todos esses anos para desbloqueá-los novamente e libertar-se. — Ele a usou.

O retorno à santidade deve ter restaurado muitos poderes, incluindo o de ouvir os pensamentos dos outros. — Eu não te usei, — disse ele. — Você foi o meu conforto quando Nirari morreu. Eu espero ter sido o seu quando seu marido e seu filho morreram.

Ela não podia negar aquilo. Esses sonhos a tinham consolado ao longo dos anos de luto miserável.

Um baixo rumor vibrou o chão, distraindo-a de repreendê-lo mais. — O que é isso?

Um raio disparou dos dedos de Atagartis e ricocheteou nas paredes antes de se dissipar. Seu largo sorriso era selvagem e triunfante. — Isso, minha sacerdotisa, é a chamada para a batalha. Meu irmão está aqui. — Com isso, a câmara brilhou com um esplendor ofuscante.



Revida cobriu os olhos com as mãos. Quando ela podia ver novamente, ela estava sozinha na água ainda iluminada. O rumor havia aumentado para um rugido e mesmo aqui, no santuário mais profundo da Terra, ela ouviu uivos desumanos de raiva. Ela atravessou o lago tão rapidamente quanto suas pernas tremulas podiam levá-la. Deuses guerreavam entre si; ela se recusou a se esconder aqui, torcendo as mãos.



Se ela tivesse filhos ainda vivos, este teria sido um conto para se passar ao longo das gerações. Revida ficou de pé sozinha na entrada da caverna e observou o espetáculo diante dela com seu coração pulando em seu peito e sua garganta fechada em terror.

Vinte e cinco anos antes, a chuva parou de cair. O relâmpago desapareceu e os ventos cessaram. Revida não tinha vivido perto do mar, mas os boatos se espalharam pelo interior – de águas calmas e mortas e de peixes que desapareceram no grande abismo e evitaram as redes dos pescadores.

Ela não sabia o que poderia estar acontecendo com os mares no momento, mas os céus acima das planícies ficaram pretos, pintando o sol. Os tornados saiam do miasma das sombras, girando através da paisagem,



destruindo o solo e varrendo os arbustos. Um relâmpago atravessou a tempestade seca, brilhando no interior dos ventos espiralados e iluminando as mesmas duas silhuetas que ela vira quando Ninun e Derketo fugiram diante da ira de Sumarimis, o Amargo das Trevas.

Dentro do caldeirão de sombras, os deuses irmãos lutaram por horas, até que finalmente um grande estampido soou acima de Revida e a terra tremeu debaixo dela em resposta. Relâmpagos brilharam até que ela teve que cobrir seus olhos. Silêncio, profundo como a noite, desceu seguido por um som que Revida pensou que ela nunca ouviria novamente em sua vida – o tamborilar das gotas de chuva atingindo o chão.

Ela abriu os olhos. O sol permaneceu obscurecido, mas desta vez atrás de nuvens cinzentas inchadas de chuva. O céu chorou, como Revida tinha chorado no lago. A chuva caía mais e mais forte até que ela já não podia distinguir o horizonte.

Revida começou a rir e chorar ao mesmo tempo. Ela correu da entrada protegida da caverna e foi imediatamente encharcada. A água escorria de seus cabelos e as roupas encharcadas. Ela entrou em sua boca e escorreu em seus ouvidos. Sem se importar com a lama de seus sapatos, ela girou em círculos, jogou a cabeça para trás e gritou o nome de Nirari.

A deusa morta não a ouviu, mas um deus vivo sim.

Atagartis caminhou em direção a ela. Ele perdeu todos os vestígios da mínima humanidade. O ser diante dela brilhou tão intensamente, que ela teve



que semi serrar os olhos. Sua voz ecoou ao redor dela, suave como um sussurro, colossal em seu poder. — Está feito Revida.

Ela limpou a chuva dos olhos. — Você destruiu Sumarimis?

— Não. Apenas o derrotei por agora. Ele é meu irmão e ao contrário dele, eu entendo que o mundo precisa da escuridão, tanto quanto ele precisa da luz e da chuva. Vamos lutar um com o outro de vez em quando. Ele está com raiva – tanto dele mesmo como de mim. Ele estava cego demais para ver que Nirari o amava tanto quanto ela me amava e agora ela está perdida para sempre para ele também.

Revida olhou para as nuvens pesadas. — Eu vi os tornados de Ninun. E quanto a Derketo?

O Deus mudou, assumiu a aparência humana com a qual ela estava familiarizada. Revida sorriu seus agradecimentos. — Os pescadores não terão mais que rezar para uma criança que não pode ouvi-los. A minha filha recuperou seu poder, como eu e seu irmão fizemos.

Revida segurou sua mão e deixou a chuva se juntar em sua palma da mão. — Esta é Nirari?

Atagartis assentiu. — É Revida. O espírito dela e sua tristeza devolveram o poder que Sumarimis me roubou na morte de Nirari.

A chuva emplastou seu cabelo na cabeça e pesou suas roupas que penduraram em seu corpo magro como trapos em um espantalho. O deus relâmpago permaneceu seco. Revida sorriu, sem se sentir envergonhada pela



comparação. Talvez um dia, os agricultores pudessem levantar espantalhos novamente.

Seu sorriso desapareceu com outra realização. — Ainda não há um deus da chuva.

Os olhos de Atagartis, pálidos e desumanos, brilharam. — Não há?

Ela captou o que ele inferiu. — Eu sempre serei a sacerdotisa de Nirari, mas eu não sou nem sua substituta nem seu fantasma.

O Deus fechou a distância entre eles e puxou-a em seus braços, sem se importar que ela estivesse molhada e esfarrapada. — Você se tornou mais, Revida. Nirari transmitiu seu último sussurro de poder sobre você por uma razão.

Revida rompeu de seu abraço. — Isto é ridículo. Você é um criador. Imortal, poderoso além da compreensão. Eu sou humana – uma velha na realidade – nada mais do que um inseto nos olhos do deus relâmpago.

Atagartis sorriu. — Então eu me apaixonei por uma cigarra.

Ela endureceu e piscou para conter as lágrimas, grata pela chuva que esconderia qualquer outra que pudesse cair. — Você zomba de mim.

Seu sorriso desapareceu e sua boca se reduziu a uma linha sombria. — Eu nunca zombaria de você. Eu amei Nirari, Revida e ainda lamento sua morte. Isso não significa que eu não possa aprender amar a outra. Eu posso. Eu amo. Você não pode me amar de volta?

Sua pergunta era retórica. Ela o amava desde a juventude, quando ele a cortejou em sonhos e confortou-a na tristeza.



Mesmo que ele tenha ouvido seus pensamentos, ele continuou a persuadi-la. — O mundo precisa de você. Eu preciso de você. — Atagartis estendeu sua mão, convidando-a a aceita-lo.

Revida olhou para sua mão e depois para ele. Uma alegria florescente a deixou tonta. — Você faria essa velhota jovem de novo? — Ela brincou.

Relâmpagos faiscaram em seu olhar pálido, mas ele permaneceu sorridente em sua brincadeira. — Você não será nem velha nem jovem, apenas eterna. Caminhe ao meu lado, sacerdotisa e eu lhe mostrarei a abóbada dos céus.

Revida riu e tomou a mão do deus relâmpago.



A chuva encharcou o bosque e lavou o calor do ar sufocante. O flash constante de raios iluminando um céu espesso com nuvens, enquanto a tempestade se estendeu em direção Neith. Se a sorte deles se mantivesse, ela duraria a noite toda e regaria as raízes sedentas das árvores de laranjeiras.

Martise apertou o antebraço de Silhara que se apoiava acima de seus seios. Seu outro braço rodeou sua cintura e seu dedo traçou o contorno do seu umbigo através de sua bata. Agradecida por seu calor contra suas costas



agora que a tempestade trouxera o ar mais frio, ela se aconchegou em seu abraço.

— Então esta sacerdotisa foge com o deus relâmpago e consagra-se a uma eternidade de choro porque ela o ama?

Ela revirou os olhos, não surpreendida por sua interpretação menos do que romântica da história. — Claro que não. Suas lágrimas só invocavam os poderes dele e dos filhos. Eles dizem que quando as grandes tempestades vêm, como está, é Atagartis fazendo amor com Revida.

Silhara bufou. — Bem, eu apreciaria um pouco menos de entusiasmo de sua parte. A última vez que ele decidiu tocar a deusa perto de Neith, ele incendiou uma das minhas árvores.

Martise escolheu não lembrar seu amante de que se ele não tivesse arriscado a vida e os membros para forçar a tempestade virem sobre Neith, ele ainda poderia ter essa árvore.

Uma rajada certeira de relâmpagos seguida de um boom de trovão anunciou um diferente som corrente. Chuva encharcou o bosque, lençóis cinzentos que cobriam as árvores e banhavam fontes e cachoeiras fora da borda da sacada.

— Ahh, isso é o que eu esperava ver. — Silhara beijou o topo da cabeça de Martise. — Que sua Revida nos abençoe por várias horas.

Martise ecoou o sentimento e acrescentou — Eu estou feliz que você não tem que ir lá novamente. O que você fez antes foi perigoso. — Não que



tal coisa o tenha parado. Ele tinha roubado de um lich[4] também e quase fez os dois serem mortos durante aquela escapada.

Silhara virou seu rosto para ele, uma sombra negra na sala tenebrosa. — Respirar é perigoso, Martise. — Ele se inclinou para beijá-la e ela provou escuridão e fogo na carícia íntima. — Vamos para cama, — ele disse enquanto se inclinava para acariciar seu pescoço. — Nós vamos fingir que eu sou Atagartis e que você é Revida.

Ela riu. — Isso soa terrivelmente a sacrílego.

— Meu tipo favorito de entretenimento.

Fim...

[4] Um lich é um tipo de morto-vivo que, com uma magia, adquiriu a imortalidade.



Grace Draven tem lido romance e fantasia desde os doze anos. Em 2005, decidiu combiná-los escrevendo uma ou duas histórias. Ela considera uma das melhores decisões de vida que ela já fez. ESPOSA DO DEUS RELÂMPAGO *é um conto de sua novela-fantasia e romance* MESTRE DOS CORVOS.

